



DIÁRIO DE NOTÍCIAS		DIÁRIO POPULAR	
PORTUGAL HOJE		DIÁRIO DE LISBOA	
CORREIO DA MANHÃ		CAPITAL	
DIA		TARDE	
DIÁRIO	- 8. JAN. 1980		
PRIMEIRO DE JANEIRO			
JORNAL DE NOTÍCIAS			
COMÉRCIO DO PORTO			

## O Primeiro-Ministro afirma o que Sá Carneiro negava

Poucos dias foram necessários para que o Primeiro-Ministro começasse a dizer, no tocante a certos temas, o contrário do que afirmava categoricamente há quatro meses como presidente do PPD.

Encontramos um exemplo típico dessas contradições na maneira como abordou no discurso de posse a problemática económico-financeira. Agora pintou um panorama sombrio. Em Setembro do ano passado, dirigindo-se ao Conselho Nacional do PPD, definia como inexactas e pessimistas as previsões que apontavam para a degradação da situação económica. Na sua opinião, "o auxílio internacional, a elasticidade da nossa situação económica de país ainda não desenvolvido" permitiam "juntamente com a predominância dos aspectos rurais, uma elasticidade muito grande da nossa situação económica". Simultaneamente, a "súbita mas enorme valorização das nossas reservas de ouro" dava-lhes um valor que, ao preço do mercado livre, representava "aproximadamente o dobro da nossa dívida externa total, tanto privada como pública". E o sr. Sá Carneiro tirava conclusões: "O que quer dizer - sublinhava enfaticamente - que Portugal, com base apenas nesta valorização das nossas reservas de ouro, vai poder continuar a endividar-se por mais bastantes anos".

O sr. Sá Carneiro estava preocupado. Entristecia-o a valorização do nosso ouro, porque quase não tinha, então, esperanças de alcançar maioria de mandatos nas eleições intercalares. Por isso dizia: "a pesada herança aumentou de valor e pode continuar a servir para o financiamento de um socialismo terceiro-mundista, dum colectivismo mal administrado, porque no fundo vai favorecer - e no futuro creio que isso se agravará - apenas uma nova classe dirigente, burocrática, ligada ao Poder político-militar que então será predominante".

Comentando as declarações do sr. Sá Carneiro e a sua mágoa pela subida do preço do ouro, "o diário" escreveu em editorial (3 de Outubro) que "a confissão, nos termos em que foi feita, configura um acto de traição nacional". A alta do ouro, destruiu-lhe "as esperanças de uma ruptura económica". É útil recordar. O sr. Sá Carneiro, simples presidente do PPD, considerava nos fins de Setembro a alta do ouro uma catástrofe nacional, na medida em que colocaria nas mãos dos futuros governantes reservas de valor superior ao dobro da nossa dívida externa. Falava assim porque esperava a derrota nas eleições.

Agora a linguagem é outra. A Aliança Reaccionária tem maioria na Assembleia da República e o sr. Sá Carneiro tornou-se Primeiro-Ministro. No seu discurso de posse não achou adequado falar do preço do ouro, nem do alívio que a valorização das nossas reservas trouxe à acção do Governo. Afirmou que a situação económica interna se encontra "em contínua degradação". O **único sinal positivo** (sic) que consegue enxergar é a "melhoria da situação das balanças de transacções e de pagamentos". Mas não informa (quem tal fez foi o Presidente da República) que o défice da primeira que atingira 800 milhões de dólares em 1978 talvez não tenha excedido metade dessa quantia no ano findo. O Primeiro-Ministro preferiu citar estimativas da OCDE que apontam para "maior inflação e menor crescimento".

Porventura entre o discurso de Setembro do sr. Sá Carneiro e a sua fala de posse caiu o preço do ouro? Não. A onça daquele metal, que estava cotada a 345 dólares no momento da sua arenga perante o Conselho Nacional do PPD, pulou para mais de 600 dólares. Isso significa que as reservas-ouro de Portugal passaram a valer a fantástica quantia de 11 biliões de dólares, isto é, mais de 550 milhões de contos.

Que pretende, afinal, o sr. Sá Carneiro com esta pirueta ministerial sobre a situação económico-financeira?

Apresentar-se dentro de meses como um salvador, e bradar que restaurou as finanças? Ou será que recebeu já do FMI instruções para reduzir a taxa de crescimento económico? Ou, quem sabe, pensa fazer as duas coisas: apresentar como vitórias suas reduções de défices para as quais nada contribuiu e executar docilmente a estratégia de capitulação imposta pelo Fundo Monetário Internacional.

Mas a contradição central exige do Primeiro-Ministro um esclarecimento. Que se passou na sua cabeça para só descobrir um sinal positivo na conjuntura económico-financeira, quando no começo do Outono via tão facilitada a tarefa do futuro governo graças à valorização do ouro e à "grande elasticidade da nossa situação económica"? As nossas reservas-ouro representam agora potencialmente mais 200 milhões de contos. E o Primeiro-Ministro não diz uma palavrinha a esse respeito. Entende, pelo contrário, que a situação se degradou.

Vale a pena reler os dois discursos, igualmente marcados por uma hipocrisia transparente. Mas a contradição das análises neles feitas e das perspectivas que abrem dá-nos a medida da dimensão ética do "estadista" que ocupa hoje o cargo de Primeiro-Ministro. É assim, negando hoje o que dizia há quatro meses, que a direita quer mudar Portugal.